

## Três Poemas de Seamus Heaney

**Rui Carvalho Homem**

*Tradução e nota*

Estes três poemas de Seamus Heaney (1939-2013), aqui apresentados em tradução inédita, provêm da última colectânea publicada em vida do poeta – *Human Chain* [Corrente Humana] (2010). São peças características da poética de Heaney a vários títulos: pelo reconhecível encaminhamento autobiográfico; pela prática de uma dicção algo austera, mas que em ponto algum rompe com a discursividade; e, no seu universo de referência, pela tensão que propõem entre a circunstancialidade do mundo físico e a atracção de intimações metafísicas. Esta última feição encontrou particular saliência nas últimas duas décadas da obra de Heaney, sendo que em *Human Chain* assumiu uma das condições supostamente definidoras de um “estilo tardio”: a percepção da iminência da morte. No patamar da referência autobiográfica, tal percepção explica-se pelo acidente que quase fora fatal a Heaney em 2006 – e que qualquer destes textos evoca; mas o facto de o poeta ter encontrado a morte apenas alguns anos depois, e em circunstâncias idênticas às recordadas nos poemas de *Human Chain*, veio tornar inevitável a leitura desta colectânea como acervo poético presciente e intrigantemente final.

**'Had I not been awake'**

Had I not been awake I would have missed it,  
A wind that rose and whirled until the roof  
Pattered with quick leaves off the sycamore

And got me up, the whole of me a-patter,  
Alive and ticking like an electric fence:  
Had I not been awake I would have missed it,

It came and went so unexpectedly  
And almost it seemed dangerously,  
Returning like an animal to the house,

A courier blast that there and then  
Lapsed ordinary. But not ever  
After. And not now.

Seamus Heaney, *Human Chain* (London: Faber & Faber, 2010) 3

**'Não estivesse eu acordado'**

Não estivesse eu acordado e perdia-o –  
Aquele vento que se ergueu e volteou  
Até o telhado crepitar com as folhas do plátano,

Levantando-me, todo eu em sobressalto,  
Vívido e alerta que nem cerca eléctrica:  
Não estivesse eu acordado e perdia-o,

Que veio e se foi, tão inesperado  
E quase se diria perigoso,  
Retornando à casa como um animal,

Trompa de correio que ali, logo,  
Se aquietou ao comum. Mas não para todo  
O sempre. E não agora.

## Miracle

Not the one who takes up his bed and walks  
But the ones who have known him all along  
And carry him in —

Their shoulders numb, the ache and stoop deeplocked  
In their backs, the stretcher handles  
Slippery with sweat. And no let-up

Until he's strapped on tight, made tiltable  
And raised to the tiled roof, then lowered for healing.  
Be mindful of them as they stand and wait

For the burn of the paid-out ropes to cool,  
Their slight lightheadedness and incredulity  
To pass, those ones who had known him all along.

Seamus Heaney, *Human Chain* (London: Faber & Faber, 2010) 17

## Milagre

Não o que pega na cama e anda,  
Mas aqueles que sempre o conheceram,  
Que o carregam e põem lá dentro –

De ombros dormentes, dor e corcova deformando  
Os seus dorsos, as pegadas da liteira  
A escorregar com o suor. E não há folga

Até ele estar bem amarrado, para o inclinarem  
E erguerem até às telhas – e o baixarem depois para a cura.  
Repare-se neles, como ficam de pé à espera

Que a queimadura das cordas arrefeça nas mãos,  
Que passe a leve tontura e a incredulidade  
De quem sempre o tinha conhecido.

## Human Chain

*for Terence Brown*

Seeing the bags of meal passed hand to hand  
In close-up by the aid workers, and soldiers  
Firing over the mob, I was braced again

With a grip on two sack corners,  
Two packed wads of grain I'd worked to lugs  
To give me purchase, ready for the heave –

The eye-to-eye, one-two, one-two upswing  
On to the trailer, then the stoop and drag and drain  
Of the next lift. Nothing surpassed

That quick unburdening, backbreak's truest payback,  
A letting go which will not come again.  
Or it will, once. And for all.

Seamus Heaney, *Human Chain* (London: Faber & Faber, 2010) 18

**Corrente Humana**

*para Terence Brown*

Ao ver em grande plano os sacos de farinha  
Lançados de mão em mão pelos voluntários, e a tropa  
A atirar por cima da multidão, agarrei-me de novo,

Mão firme, a dois cantos de um saco, dois rolos  
Bem cheios de cereal que eu moldara em orelhas  
Para ter onde pegar, pronto para o arremesso,

O impulso de bom entendedor – um-dois, um-dois –  
Para o camião, e depois curvar-me para arcar, arfando,  
Com o lance seguinte. Nada se comparava

Com aquele breve alívio, a melhor paga de um dorso dorido,  
Um alijar que não virá de novo.  
Ou vem, por uma vez. E de uma vez para sempre.